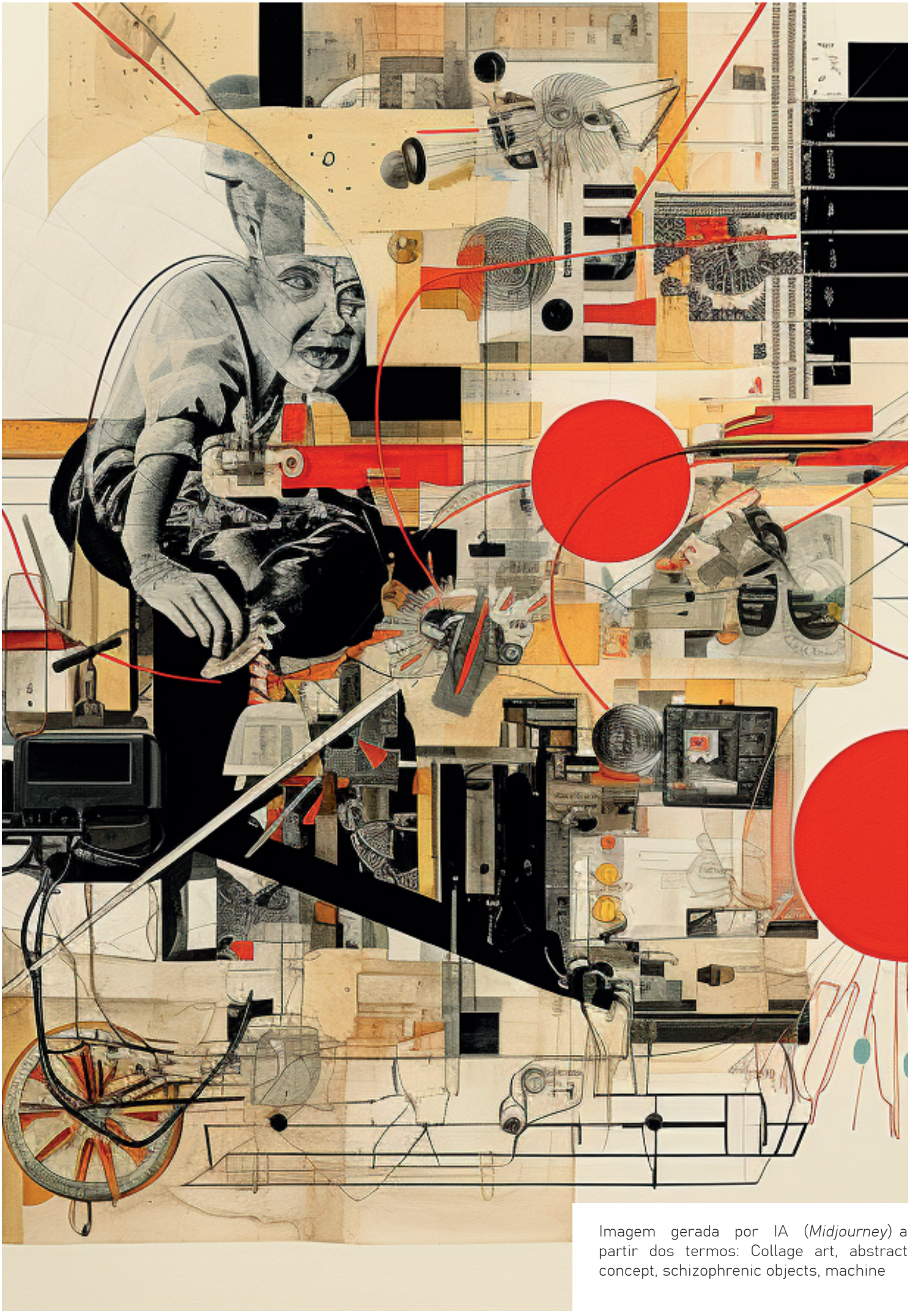


Imagem gerada por IA (*Midjourney*) a partir dos termos: Collage art, abstract concept, schizophrenic objects, machine

DOI: 10.53981/destroos.v5i1.51903
DOSSIÊ DIFERENÇA, ANTAGONISMOS E IMANÊNCIA

DELIGNY, RANCIÈRE E DELEUZE:
POR UMA ESTÉTICA INCLUSIVA

Danielle Aparecida do N. dos Santos 0000-0002-9178-7325
Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), Presidente Prudente, SP, Brasil

Jucimara Pagnozi Voltareli 0000-0002-2775-7340
Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), Presidente Prudente, SP, Brasil

Rafael dos Santos Reis 0000-0003-4301-2952
Universidade do Oeste Paulista (Unoeste), Presidente Prudente, SP, Brasil

Resumo
Neste artigo compartilhamos os escritos de autores do pós-estruturalismo, os franceses Jacques Rancière nas obras: *A partilha do sensível* (2009), e *O inconsciente estético* (2009), Fernand Deligny com a obra *Vagabundos eficazes* (2018) e Gilles Deleuze nas obras *Lógica do Sentido* (2015), e com Félix Guattari nas obras *O que é a filosofia?* (2004), *Mil Platôs* (2012) e *O anti-Édipo* (2011). O objetivo é relacionar o conceito de estética de Rancière com a vivência de inclusão de Deligny, para delimitar um possível início de um Regime Estético Inclusivo da Arte, que criaria encontros que vão além do nosso pensamento sobre o encontro com a diferença, valorizando a diferença em sua essência sem passar por um filtro normatizador. Para isso, foi realizado também um diálogo com outros autores que utilizam destes referenciais. As fontes de busca foram as bases de dados BDTD, SciELO e Periódico Capes sem recorte temporal. Concluímos que na história não há uma decisão de ruptura as artes e inclusão já colocada, mas sim com decisão de reinterpretação das artes e da inclusão.

Palavras-chave
Filosofia, educação, estética, inclusão.

DELIGNY, RANCIÈRE E DELEUZE: FOR AN INCLUSIVE AESTHETIC

Abstract
In this article we share the writings of post-structuralism authors, the french Jacques Rancière in the works: *Le partage du sensible* (2009), and *L'inconscient esthétique* (2009), Fernand Deligny with the work Os *vagabundos eficazes* (2018) and Gilles Deleuze in the works *Logique du sens* (2015), and with Félix Guattari in the works *Qu'est-ce que la philosophie?* (2004), *Mille plateaux* (2012) and *L'Anti-Edipe* (2011). The objective is to relate Rancière's concept of aesthetics with Deligny's experience of inclusion, to delimit a possible beginning of an Inclusive Aesthetic Regime of Art, which would create encounters that go beyond our thinking about the encounter with difference, valuing difference in essence without going through a regulatory filter. To this end, a dialogue was also held with other authors who use these references. The search sources were the BDTD, SciELO and Periódico Capes databases without a time frame. We conclude that in history there is no decision to rupture the arts and inclusion already made, but rather a decision to reinterpret the arts and inclusion.

Keywords
Philosophy, Education, Aesthetics, Inclusion.

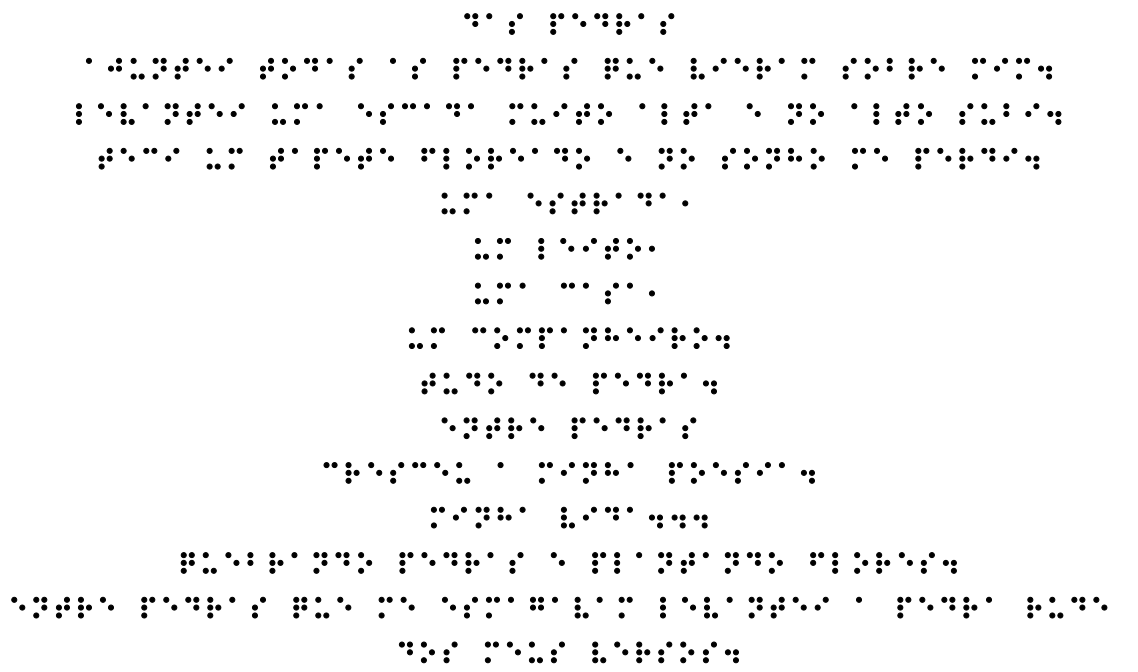
Submetido em: 30/03/2024
Aceito em: 12/04/2024

Como citar: SANTOS, Danielle Aparecida do Nascimento dos; VOLTARELI, Jucimara Pagnozi; REIS, Rafael dos Santos. Deligny, Rancière e Deleuze: por uma estética inclusiva. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. e51903, jan./jun. 2024.

Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

1. Propedêutica para uma possível estética inclusiva

Na atual conjuntura, ouvir a palavra estética nos remete a uma lista de procedimentos possíveis no qual o corpo pode passar por modificações. Algumas destas, são impulsionadas por uma produção do desejo, colonizada por padrões e mecanismos de redes (não)sociais, que constantemente nos convencem de que é possível alcançar a aprovação externa. De outro modo, a palavra estética pode soar uma outra interpretação ao lermos, por exemplo o poema abaixo:[1]



Alguns questionamentos podem ter surgido, devido ao fato do formato do poema causar certos estranhamentos. Estranhar é verbo que nos desconfigura naquilo que acreditamos do real, ao que é valido ou certo e errado. Contudo, estranhar também resulta no fato de sermos provocadas a sair do local que aprisiona nossos sentidos e verdades, a transgredir e encontrar nossas potências enquanto seres de possibilidades. Um salto para o universo das particularidades, do ilimitado, flexível ao versátil que escondido está em nós.

Não muito diferente, o estranhamento ocorre ao adentramos no campo dos estudos filosóficos, os chamados pós-estruturalistas. A vertente pós-estruturalista é uma corrente do pensamento filosófico que se mostrou necessária ao longo da história, onde, a filosofia se depara com questões que vão além da cientificidade e dos valores morais estabelecidos naquela época. Logo, o pós-estruturalismo não é considerado uma evolução do estruturalismo, mas sim, uma ruptura das verdades e oposições estabelecidas até então.

Essa ruptura é majoritariamente relacional às artes em geral, nas quais tais filósofos utilizam de pinturas, literatura, cinema, etc., para repensar a sociedade que

[1] Poema das Pedras de Cora Coralina, traduzido pelo site SYMBL. (CORALINA, *Meu Livro de Cordel*).

estava mudada (já que o pós-estruturalismo se coloca em evidencia pós maio de 68).[2] Resumidamente, "o pós estruturalismo é constantemente revivido pela abertura ao novo (à pura diferença). É oposto a qualquer certeza absoluta, mas só pode funcionar mediante essa oposição em repetidas práticas críticas e criativas".[3]

Alguns autores que influenciaram este pensamento são Martin Heidegger, com o pensamento hermenêutica, Edmund Husserl, com a fenomenologia, Immanuel Kant, com a filosofia transcendental, Friedrich Nietzsche, com o existencialismo e Sigmund Freud, com a psicanálise.

Diante disso, um papel importantíssimo do pós-estruturalismo é relacionar história, arte e política e, não somente, mas pensar em lógicas para além do convencional. Jacques Rancière, utilizando a ideia de Freud de que não existe detalhes desprezíveis e que são eles que nos levam no caminho de uma verdade, elabora o que ele chama de Regime Estético da Arte.

> [...] o emblema desse regime da arte que identifica as coisas da arte como coisas do pensamento, enquanto testemunhos de um pensamento imanente ao seu outro e habitado por seu outro, escrito em toda parte na linguagem dos signos sensíveis e dissimulado em seu amago obscuro.[4]

Assim, o conceito de estética é fundamental nos escritos de Rancière, já que ele utiliza das artes cinematográficas (um dos pontos importantes para nosso pensamento) para pensar sobre isso. Além disso, essa escolha se justifica por considerarmos Rancière importante para pensarmos em como mesclarmos arte e filosofia na atualidade, já que esta mescla nos proporciona ir além do pensado em outros campos.

Diante desse contexto, o objetivo deste artigo é criar uma possível reflexão que considere o regime estético inclusivo da arte como movimentos possíveis entre a ideia de diferença. Para isso, nos propusemos a pensar a estética a partir dos escritos de Jacques Rancière, que escreve sobre a estética em dois livros: *A partilha do sensível*, *O inconsciente estético* e os textos temáticos em relação a Gilles Deleuze e Felix Guattari. Também utilizaremos dos próprios Deleuze e Guattari para nos auxiliar nesse pensamento estético através dos livros *Lógica do Sentido*, *O anti-Édipo* e *Mil Platôs*. Já sobre a ideia de inclusão utilizaremos da experiência de Fernand Deligny em *Vagabundos Eficazes* que relata sua vivencia na classe especial, no asilo e no centro social em meados da década de 40.

Ressaltamos que o trabalho empreendido neste artigo, é resultado de dois trabalhos que temos realizado: a pesquisa de doutoramento que tem como objetivo pensar sobre a inclusão de pessoas com deficiência, conjugado ao pensamento dos autores utilizados neste estudo; outro ponto que corroborou são as discussões realizadas no grupo de pesquisa Políticas e Práticas de Educação Inclusiva (PPEI).

[2] Maio de 68 é um movimento estudantil e operário marcado por greves e ocupações que ocorreram em maio de 1968 na França em decorrência das reivindicações ao sistema educacional francês, alto número de desemprego, e debate sobre pautas igualitárias e democráticas.
[3] Williams, *Pós-estruturalismo*, posição 184.
[4] Rancière, *O inconsciente estético*, pp. 49-50.

2. Mapas como pistodológicas

Para nosso percurso metodológico, consideramos a relação de produção bibliográfica que é produzida atualmente dentro do tema e objetivo que o artigo se propõe a estudar. Por se tratar de um trabalho precisamente filosófico, nosso foco principal é reunir ideias de outros estudiosos do assunto e, para isso, realizamos buscas nos direcionando a duas importantes fontes de trabalhos acadêmicos, sendo elas: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD e a Scientific Electronic Library Online (SciELO). Aqui, todas as nossas buscas se resumem em trabalhos em português, já que existe bastante discrepância em relação aos conceitos utilizados e suas traduções. Logo, nossa busca se delimitou da seguinte maneira:

Selecionamos as plataformas SciELO e BDTD, e utilizamos as seguintes palavras-chave "INCLUSÃO" e "ESTÉTICA", nosso recorte temporal foram nos últimos 5 anos, e filtramos para o idioma PORTUGUÊS. Sendo o campo de busca "Resumo". E tivemos os seguintes resultados. Na plataforma Scielo, tivemos apenas 1 artigo intitulado "Escândalo e corrupção: da recriação do invisível nos Mass media", no qual o termo "Inclusão", não fazia referência a uma ideia de incluir pessoas, e sim ao verbo incluir, incorporar, abarcar. Assim, nos direcionamos ao BDTD, utilizando as mesmas palavras-chave, mesmo recorte temporal e mesmo campo de busca, e obtivemos 122 resultados. Porém, boa parte se tratava de assuntos das ciências biológicas, pois estética também é um ramo ou atividade profissional que tem por fim corrigir ou minimizar problemas dermatológicos.

Logo, foram excluídas teses e dissertações que englobavam tais assuntos. Assim, tivemos 6 resultados ligados a educação, 2 a ciências humanas, 2 na psicologia social, 2 na comunicação, 4 em letras, e 2 em linguística aplicada. Ao chegamos em 18 resultados, foram lidos todos os resumos, sendo que não abrangiam a discussão sobre estética no sentido filosófico de Rancière, e nem a ideia de Inclusão de Deligny.

Optamos por refazer as buscas utilizando de outras palavras-chave, aumentando a busca para últimos 10 anos e adicionando a plataforma Periódicos Capes. As palavras-chave foram "DEFICIENCIA", "ESTÉTICA" e "RANCIÈRE" e também "DEFICIENCIA", "ESTÉTICA" e "DELIGNY". Sendo assim, após lermos os resultados obtidos e utilizando dos mesmos meios de exclusão, chegamos em dois resultados.

Foram encontrados uma dissertação e um artigo. A dissertação é intitulada como *Cartografias de traduções de imagens cinematográficas: Uma proposta de emancipação de espectadores com deficiência visual frente as generalizações das visualidades cotidianas,* defendida por Kerllon Lucas Gomes Silva em 2022, que revoluciona ao propor a ideia de que um produto artístico deve ter sua estética pré-determinada pelo próprio público consumidor, isto é, no caso abordado em sua dissertação, os sentidos da arte para um cego devem ser promovidos pelo próprio cego. A estética da obra projetada no público alvo, deve ter em si, o envolvimento do próprio público alvo. Para que, a subjetividade de um cego esteja de maneira tão inexoravelmente imbricada na obra, que sem esta, a obra perca o próprio sentido de existir.

Já o artigo intitulado *Surdocegueira, cartografia e decolonialidade,* escrito pela Arheta Ferreira de Andrade em 2018 e publicado pela revista Psicologia: Ciência e profissão, determina que a arte tem um papel substancial em emancipar e facilitar a interação entre o mundo objetivo e a realidade subjetiva de pessoas surdo-cegas. A arte neste sentido, se mostra como instrumento para ressaltar e valorizar a diferença, sendo

utilizada como ferramenta para a expressão do ser. Assim como é relevante ressaltar, a potencialidade exposta do indivíduo surdo-cego em criar e propagar arte, sendo, destarte, ferramenta para a expressão do indivíduo e campo no qual o indivíduo possa criar e potencializar sentidos.

Após as pistas encontradas, utilizamos dos achados para criarmos nosso mapa de reflexão, direcionado com a possibilidade de pensar a estética como um caminho inclusivo, considerando os pontos achados e as descontinuidades.

3. A estética inclusiva em Deligny e Rancière

Darmos sentido para uma estética inclusiva é primeiramente delimitarmos o significado do que é estética. Jacques Rancière em seu livro *A Partilha do Sensível*[5] inicia a elaboração do significado de estética que é contrária ao significado advindo da teoria da arte, mas sim ao pensamento e identificação artística. Para ele estética é "um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações, implicando uma determinada ideia de efetividade do pensamento".[6] Ou seja, para ele pensar esteticamente é ter um novo pensamento; seria o deslocamento para uma nova sensibilidade, menos aristocrática, mais democrática. Seria uma vida como objeto da ficção, seria pensar o anônimo, o comum.

A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. Assim, ter esta ou aquela "ocupação" define competências ou incompetências para o comum. Define o fato de ser ou não visível num espaço comum, dotado de uma palavra comum etc. Esse pensamento está descrito em outro livro, *o Inconsciente estético*.

> O inconsciente estético, consubstancial ao regime estético da arte, se manifesta na polaridade dessa dupla cena da palavra muda: de um lado, a palavra escrita nos corpos, que deve ser restituída a sua significação linguageira por um trabalho de decifração e de reescrita; do outro, a palavra surda de uma potência sem nome que permanece por trás de toda consciência e de todo significado, e à qual é preciso dar uma voz anônima e esse corpo fantasmagórico [...][7]

Para Jacques Rancière, o resultado de um inconsciente estético é baseado no ato de uma revolução estética; que é uma abolição do conjunto ordenado das relações entre o visível e o divisível, o saber e a ação, a atividade e a passividade. Segundo ele, é como se fosse preciso um novo édipo para a psicanalise. É quase como recomeçar. Se Édipo é a junção da filosofia e da medicina, agora tenhamos outro Édipo, o da filosofia com a arte. Um édipo que é aquele que ao mesmo tempo sabe e não sabe, o que age, e o que padece. É ao mesmo tempo alegre e triste, mas que não são opostas, e sim estão do mesmo lado. É pensar na não representação.

A revolução estética abre espaço para a elaboração de uma nova ideia do pensamento, para pensamentos que não pensam, pensamentos que apenas habitam. São

[5] O livro em questão é uma resposta a algumas perguntas feitas a partir do livro do mesmo autor - O desentendimento.
[6] Rancière, *A partilha do sensível*, p. 13
[7] Rancière, *O inconsciente estético*, p. 41.

esses pensamentos que não são polidos, são pensamentos que são potentes, pensamentos que possuem vestígio, que traz consigo estrias, marcas e rupturas; que mostram suas histórias. É colocar no holofote grande regra Freudiana de que não existe detalhes desprezíveis, e que são esses detalhes que nos coloca no caminho direto para a revolução estética.

> Não existem temas nobres e temas vulgares, muito menos episódios narrativos importantes e episódios descritivos acessórios. Não existe episódio, descrição ou frase que não carregue em si a potência da obra. Porque não há coisa alguma que não carregue em si a potência da linguagem. Tudo está em pé de igualdade, tudo é igualmente importante, igualmente significativo.[8]

Um pensamento sem imagem não é um pensamento sem imagem literalmente. A ideia do pensamento sem imagem é um pensamento fora da ideia convencional de filosofia que temos hoje. Logo, não é estranho pensarmos imageticamente um pensamento sem imagem, apenas que essa imagem vai além do que está imposto para nós e, lógico, para os gregos convencionais. Para nós, essa é a doença. É a obsessão do pensamento único que quer transformar a realidade em uma única maneira e que leva a destruição dos indivíduos e da sociedade.

Dado o contexto do pensamento estético de Jacques Rancière, partimos para outro autor que utiliza de uma mesma lógica para pensar uma educação inclusiva.

Fernand Deligny é um autor francês que começou a pensar a inclusão no pós guerra, ainda que não nos moldes atuais. Seu trabalho começou na década de 40, quando houve o início do processo de adequação para a inclusão, pois a deficiência se torna importante por um aspecto moral, mas principalmente pelo aspecto econômico (necessidade de corpos jovens para reconstruir a nação quebrada da guerra).

Para a sociedade naquela época, é mais vantajoso adaptar jovens "anormais", para que se tornem adultos produtivos e que não dependem do Estado (é nesse mesmo período que Robert Castel insere o conceito de capital humano). Isso demanda uma "tecnicidade inclusiva", que resulta em um discurso tecnicista. E é aí que sai o aspecto moral, e inicia o aspecto técnico (ainda que ideológico). É nesse cenário que trabalhadores sociais como pedagogos, assistentes sociais e afins são excluídos da soma para a entrada desses técnicos, como psiquiatras, juristas etc.

> A psicanalise é inventada nesse ponto em que a filosofia e a medicina se colocam reciprocamente em causa para fazer do pensamento uma questão de doença e da doença uma questão de pensamento. Mas essa solidariedade das coisas do pensamento das coisas da doença é ela mesma solidária do novo regime de pensamento das produções da arte. [...] Ora, é precisamente através dessa identidade de contrários que a revolução estética define o próprio da arte.[9]

Fernand Deligny, a partir daí, busca entender as questões que ficaram excluídas, como questões sociais, relações parentais etc. Nesses casos que se desviam, escapam. Assim, dois elementos são importantes.

Primeiro, o sujeito não é uma essência interna e fixa, mas sim é constituída pela posição que ela ocupa (posição essa atribuída pelas instituições). Segundo, a

[8] Rancière, *O inconsciente estético*, pp. 36-37.
[9] Rancière, *O inconsciente estético*, pp. 26-27.

emancipação é sempre uma questão coletiva, pensada e praticada coletivamente. Logo, Deligny aposta em uma colaboração com as famílias e com o meio social próximo. As políticas institucionais na França daquele período tendiam a estigmatizar os jovens e naturalizar os problemas sociais. Criando assim um círculo vicioso de abortos sociais. Ou seja, a emancipação depende de um sujeito político que assume uma temporalidade que não lhe pertence para a criação de algo que não é esperado, afim de compartilhar essa criação. Ela é capaz de apropriar a linguagem, o tempo, o espaço, etc. Ele fala que entende "[...] melhor como a preocupação mesquinha de eternidade individual leva aqueles mesmos que não creem mais no paraíso a querer com todas as forças se prolongar tal como são".[10]

> A política ocupa-se do que se vê e do que pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo. É a partir dessa estética primeira que se pode colocar a questão das "práticas estéticas", no sentido em que entendemos, isto é, como formas de visibilidade das práticas da arte, do lugar que ocupam, do que fazem" no que fiz respeito ao comum.[11]

É aí que fundem a ideia de Rancière com Deligny. É pensar sobre os imprevistos, os choques que quebram esses automatismos. É pensar a emancipação enquanto uma experiência compartilhável. É pensar em uma emancipação fora dos moldes impostos. É pensar em uma linguagem não colonizadora. São experiências emancipatórias que surgem do processo de rasura. É um ponto comum entre o pensar pela arte e pensar por aquele que não é inserido pelo incomodo. Ambos criticam a linguagem reduzida aos seus aspectos simbólicos, significantes, comunicativos e normalizadores.

> A "história da arte" assim entendida é algo totalmente distinto da sucessão de obras e escolas. É a história dos regimes de pensamento da arte, entendendo-se por regimes de pensamento da arte um modo especifico de conexão entre as práticas e um modo de visibilidade e de pensabilidade dessas práticas, isto é, em última análise, uma ideia do próprio pensamento.[12]

Rancière chega nessa critica com seu contato com a literatura e com o cinema, já Deligny chega com a história de Janmari, com o diagnóstico "incurável". É um limite extremo de inadaptação e inclusão ao modelo paradigmático institucional. A rede criada por Deligny não é nomeada como um processo terapêutico, reeducativo. E sim como viver em presença próxima das crianças autistas.[13]

Deligny coloca a solução onde os educadores devem sair do mesmo meio que os jovens delinquentes. Já que outros tem uma moral incompatível. Ele é crítico do catecismo pedagógico de boa vontade. É baseado em um processo emancipatório. Logo, se trata de ensinar um sentido comum e as consequências que sua posição causa socialmente. Uma das ideias da pedagogia da revolta. A ideia é criar uma situação no qual o meio social assume suas responsabilidades. Tecendo uma rede interna e popular imanente ao contexto social.

[10] Delagny, *Vagabundos eficazes*, p. 21.
[11] Rancière, *A partilha do sensível*, pp. 16-17.
[12] Rancière, *O inconsciente estético*, p. 46.
[13] Deligny, *Vagabundos Eficazes*.

Rancière, utiliza das ideias de Freud e Jean-François Lyotard[14] para pensar a revolução estética como revogação da ordem causal da representação clássica e identifica a potência da arte através de sua possibilidade de contradição. Sendo assim, para Rancière pouco importa se a história é real ou ficcional. "O essencial é que ela seja unívoca, que oponha à indiscernibilidade romântica e reversível do imaginário e do real uma disposição aristotélica de ações e saberes direcionadas para o acontecimento maior de um reconhecimento".[15] Ou seja, para ele algo estético é algo que não necessariamente é uma teoria da sensibilidade, ou teoria do belo, etc., mas sim algo que pertence a arte, ao modo de ser. É algo que tem um modo de ser sensível próprio aos produtos da arte.

> Isto é, em primeiro lugar, elaborar o sentido mesmo do que é designado pelo termo estética: não a teoria da arte em geral ou uma teoria da arte que remeteria a seus efeitos sobre a sensibilidade, mas um regime especifico de identificação e pensamento das artes: um modo de articulação entre maneiras de fazer, formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensabilidade de suas relações, implicando uma determinada ideia da efetividade do pensamento.[16]

Para simplificar, Rancière em seu livro *A fábula cinematográfica* utiliza do exemplo de Gilles Deleuze para pensar em dois movimentos estéticos, a imagem-movimento e a imagem-tempo. Para ele, a imagem-movimento seria uma lógica de encadeamento de imagem umas às outras com a finalidade da percepção e ação; já a imagem-tempo é caracterizada pela ruptura da imagem-movimento com situações óticas e sonoras puras.[17]

Ou seja, neste caso o estético da imagem-tempo é o modo de pensamento que se desenvolve sobre as artes e que procura dizer em que elas consistem enquanto coisas de pensamento.

> Dito de outro modo, "estética" não é um novo nome para designar o domínio da "arte". É uma configuração especifica desse domínio. Ela não é a nova rubrica sob a qual se organizaria aquilo que antes concernia ao conceito geral de poética. Ela marca uma transformação no regime do pensamento da arte. E esse novo regime é o lugar onde se constitui uma ideia especifica do pensamento.[18]

Nesta perspectiva, é como pensar na dualidade de um filme de ficção e de um documentário; que apesar de um documentário tentar mostrar a realidade, é na ficção que a "realidade" é mais plausível seguir uma normalidade, se tratando de seguir um roteiro linear, com significados de cada elemento colocado em cena. A vida tratada em um documentário não segue uma lógica narrativa padronizada. Há elementos estéticos que escapam dentro da lógica da vida.

> A "história da arte" assim entendida é algo totalmente distinto da sucessão de obras e escolas. É a história dos regimes de pensamento da arte, entendendo-se por regimes de pensamento da arte um modo especifico de conexão entre as práticas e

[14] Jean- François Lyotard é famoso por escrever o livro *A condição pós-moderna,* em 1968, que fala da tese da mudança radical na forma da produção do saber no capitalismo contemporâneo.
[15] Rancière, *O inconsciente estético*, p. 56.
[16] Rancière, *A partilha do sensível*, p. 13.
[17] Rancière, *A fábula cinematográfica*.
[18] Rancière, *O inconsciente estético*, p. 13.

> um modo de visibilidade e de pensabilidade dessas práticas, isto é, em última análise, uma ideia do próprio pensamento.[19]

Então como devemos elaborar este processo de inclusão. Rancière nos apresenta o termo partilha do sensível. Essa partilha é um comum partilhado. "Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha."[20]

Pensando nisso, não existe pensar em algo diferente quando nós seguimos em busca de um ideal humano de normalidade imposto. Um ideal europeu, magro, masculino, hetero, etc. Deligny vai de encontro com essa diferença na década de 40, e hoje, além desse encontro, gostaríamos de ir para além do nosso pensamento sobre o encontro com a diferença e, sim, valorizar a diferença em sua essência sem passar por um filtro normatizador.

Rancière separa esses dois processos em duas grandes formas do pensamento estético; a primeira que ele chama de um modelo de um rastro que fala, sendo uma inscrição sedimentada. E a outra que "não vê no detalhe 'insignificante' não mais o rastro que permite reconstituir um processo, mas a marca direta de uma verdade inarticulável, que se imprime na superfície da obra e desarma toda lógica de história vem composta, de composição racional dos elementos".[21] Aqui não houve uma decisão de ruptura as artes, mas sim com decisão de reinterpretação daquilo que a arte faz ou daquilo que faz ser arte. Ou seja, é tomar a decisão de trilhar outro caminho. Ao ciar uma escrita própria como montagem, Rancière, assim como Deligny, fogem das explicações que reafirmam a norma, criando espaços de certezas, incertezas, afastamentos, aproximações e deslocamentos. Logo, temos algumas alternativas para pensar a inclusão, e cabe a nós escolher qual rumo tomar.

4. A estética inclusiva em Deleuze

Deleuze sozinho ou com Guattari nunca escreveu sobre estética explicitamente. Porém alguns autores identificam a temática da estética em seus escritos de diversas formas. Um deles inclusive é Jacques Rancière. Ele inclusive analisa uma possível estética deleuziana com os livros *O que é a filosofia?* e *Lógica do Sentido*.

Rancière analisa Deleuze como um verdadeiro avanço em pensar a destruição da organização do modelo de representação artística. Para ele a estética não é um saber sobre as obras, mas sim, um pensamento que se desdobra a partir dessas obras. Onde Deleuze trata obras modernas, utilizando de exemplos personagens como Alice e Humpt Dumpt[22] para se pensar em como obra contraditória em que o elemento do pensamento vem resgatada em uma organicidade e um logos de tipo novo. Confirmando o

[19] Rancière, *O inconsciente estético*, p. 46.
[20] Rancière, *A partilha do sensível*, p. 15.
[21] Rancière, *O inconsciente estético*, p. 58.
[22] Humpt Dumpt é um personagem caracterizado como um ovo falante com feições humanas que aprece no livro *Alice através do espelho* de Lewis Carroll publicado originalmente no ano de 1871.

compromisso de reconstruir a obra moderna de forma a que ela não siga uma única lógica.[23]

Além dos exemplos utilizados por Deleuze em *Lógica do Sentido,* ele, juntamente com Felix Guattari, utiliza de exemplos práticos para se pensar conceitos filosóficos que dão a nós a ideia de uma estética com os escritos de Antonin Artaud em *O anti-Édipo* e *Mil Platôs*.

Artaud é um poeta e dramaturgo francês que Deleuze e Guattari diz criar a filosofia da angústia, já que ele se chamava de doente e esquizofrênico ao escrever seus poemas, elaborando uma arte anarquista que utiliza do próprio corpo para transgredir o limite do pensamento de si mesmo. Um deles, segundo Deleuze e Guattari, é O Teatro e Seu Duplo, no qual "Artaud sugere os efeitos incorpóreos produzidos pelo corpo do artista, palavras insufladas, desarticuladas, vivificadas por uma carga explosiva que explode e libera todas as imagens".[24]

> Uma verdadeira libertação da obra supõe, então, a destruição dessa organicidade que é o segundo recurso da representação. Histerizar a obra, fazer da histeria obra, significará desfazer essa organicidade latente na própria definição da "autonomia' da obra.[25]

É utilizando um jogo de palavras que Artaud chega na possível estética ao mudar o significado das palavras modificando-as, tirando os significados limitantes e cartesianos, e transformando em algo novo. Deleuze é preocupado com a captação direta daquilo que se rebela contra os princípios do pensamento dogmático sendo os fluxos descodificados, não domesticáveis e, portanto, não passiveis de serem conceitualizados. É fazer nascer aquilo que ainda não existe. Ou seja, Deleuze e Guattari utiliza de Artaud para pensar sobre a significância, possibilitando-nos pensarmos uma estética da diferença, que seria toda a produção de ideias múltiplas que se dá sobre o fluxo imanente de forças que nos afetam. Esse princípio, nos escritos de Deleuze e Guattari é chamado de Corpo sem Órgãos (CsO).

O Corpo sem Órgãos ou CsO é um corpo sem amarras sociais. É um corpo anárquico. É um corpo povoado de multiplicidades. É um corpo que se desvencilha das amarras que o aprisiona. Pois, "O sentido é algo que é produzido durante o confronto com o impensável, com aquilo que nos dá a pensar, e, portanto, é uma espécie de criação do pensamento".[26]

> Não havendo um corpo uno e integrado, não existiriam também superfícies que delimitariam os corpos, barreiras, barreiras sobrepostas entre as partes corporais. Com esse embaralhamento dos limites do corpo, acontece a destruição da própria linguagem. A palavra se divide em sílabas, letras, sons destituídos de significação lógica.[27]

E como tal, se nos tornarmos Corpo sem Órgãos, é possível experimentar o campo das multiplicidades, e assim constituir uma estética da diferença que jamais se reduziria

[23] Ranciére, *Existe uma estética deleuziana?*.
[24] Chih, *Por uma estética da diferença*, p. 486.
[25] Ranciére, *Existe uma estética deleuziana?,* p. 508.
[26] Chih, *Por uma estética da diferença,* p. 487.
[27] Ranciére, *Existe uma estética deleuziana?*, p. 485.

ao princípio da identidade do Mesmo e do Igual, e se necessário, destruir, para o renascimento de algo novo a partir de seus estilhaços.

O Corpo sem Órgãos é tamanha força que transborda. Sendo máquinas de guerra. É uma pratica da própria vida em sua potência máxima criativa. São encontros de intensidades. É sermos afetados quando não sabemos, como e nem mesmo por quem. E é a partir daí que é possível entender Deleuze esteticamente a partir da sua figura do pensamento.[28]

> Estética designa uma mudança de perspectiva: quando o pensamento da obra não remete mais a uma ideia das regras de sua produção, ela é subsumida sob outra coisa: a ideia de um sensível particular, a presença no sensível de uma potência que excede seu regime normal, que é e não é do pensamento, que é do pensamento que se tornou diferente de si mesmo: um produto que se iguala a um não produto, um consciente que se iguala ao inconsciente.[29]

Para pensar esteticamente, Rancière opta por utilizar exemplos dado por Deleuze em seu livro *Imagem-Tempo*, ao citar duas mulheres que trazem essa "esquizofrenia" para o pensamento. Elas são as personagens de Vera Miles, em *O homem errado*,[30] e Ingrid Bergman, em *Europa 51*;[31] para ele, Deleuze demostra através da loucura a ida ao mundo da não-representação, a ida a direção do sensível, a travessia. Para, assim, pensarmos sobre a estética deleuziana ser a "história das formas da coincidência entre o espaço da representação artística e o espaço de uma apresentação do espírito a si mesmo no sensível".[32]

5. Última parada com pensamentos contínuos

A proposta deste artigo foi pensar caminhos possível entre estética e inclusão. O aporte que nos sustentou na produção reflexiva foi de autores que pensam fora de um contexto de saber, desconstruído pela relação entre palavra e sentido, e com essa mudança nos possibilita a pensar outras formas, personagens e contextos que entendem a diferença como princípio direcionador para as relações entre estética e inclusão.

Rancière, em suas provocações, nos ajuda a pensar a política como um mecanismo de organização social, que é chamado a atenção, em como a sociedade constrói o sujeito, implicando determinantes insensíveis que dificulta quais corpos podem sair das exclusões que estão submersas, para estarem na superfície do reconhecimento. A partilha do sensível, constituída em um ver para além das representações culturais, ocuparia a função em determinar quem está autorizado a ser e quem a não-ser, considerando marcadores de tempo e espaço em que exercem a produção de si e o que e como esta produção pode ser partilhada no coletivo comum.

O pensamento e os discursos que defendem a igualdade, faz naturalizar os não vistos e, para isso, o dissenso produziria uma desarmonia que faz ver as diferenças própria da coletividade. A política, nessa conjuntura, cumpriria o papel em reconfigurar

[28] Silva, *Deleuze e Artaud.*
[29] Rancière, *Existe uma estética deleuziana?*, p. 512.
[30] Hitchcock, *O homem errado*.
[31] Rosellini, *Europa 51*.
[32] Ranciere, *Existe uma estética deleuziana?*, p. 513.

as percepções construídas, e alcançar outros sentidos – que rompe com os binarismos que criam categorias de exclusões e que não permitem o pensamento alcançar a percepção do não inteligível. Ou seja, a política, nessa reformatação, seria uma mão que devolve o que uma outra tirou, de pessoas que, ficcionalmente, foram arrancadas da cena social. Tarefa que tem sido marcada por acirradas discussões no campo das políticas de inclusão.

A estética ocuparia o papel em criar um novo sentido, uma nova igualdade, ao colocar a sensibilidade como um princípio direcionador para as percepções que transgridem as verdades que no tempo fomos submetidos e nos constituíram. Resultaria, pois, em criar toda forma desviante, marcada pela produção perceptiva de pessoas incapazes de emanciparem. Rompe com a lógica das relações de dominação, em que as pessoas tidas como incapazes, devem ser subordinadas a quem é validado como capaz.

A junção entre política e estética, formaria uma percepção de pertencimento em que cada pessoa é provocada a buscar e identificar suas capacidades, criando, assim, o pertencimento, sem a restrição de espaço e tempo no qual possa ser e estar devir. A interação entre estética e política aqui, se manifesta quando aqueles considerados excluídos destacam desigualdades vivenciadas. A partir disso, ocorre uma subjetivação caracterizada pela identificação de danos, conexões temporais, espaciais, corporais que surgem em cena.

Deligny nos provoca a destroçar a forma como temos formado nossa visão, em bases morais. A moral produz sofrimento, ao categorizar as pessoas e a sociedade que desviam ao padrão pré-estabelecido, essas pessoas ditas como "incorretos" são encorajadas a ocuparem um espaço de correção moral. Rancière anteriormente nos chamava a atenção sobre o perigo que a política pode exercer. E não obstante, ao olharmos o cenário político social, no percurso em que este texto vem sido discutido, quantas aberrações políticas tem se produzido em bases morais, que atende apenas a grupos que se auto intitulam como excepcionais, deturpando leis, direitos em vista ao negacionismo radical?

Um dos caminhos possíveis que podem ser travados, na desarticulação desse moralismo, é a aplicação de uma ética do cuidado. Os debates escolares, por exemplo, têm perpetuado a ideia de que pessoas que são marcadas pela diferença devem ser integradas a um sistema que não foi formulado para que essas pessoas sejam reconhecidas. Nega a particularidade que cada pessoa tem, apagando suas "rebeldias", que caracterizam o que são, em vista a um discurso vazio de inclusão e que, na verdade, busca-se adaptar o inadaptável dentro das normas que consideram como "normais" e "corretas".

Alguns pontos que destacam procedimentos possíveis e que, talvez, a sociedade ainda resista é na possibilidade de sentar para ter essa conversa, que tem início com o fato de que a busca pela inclusão na verdade revela uma irresponsabilidade comunitária. Discutir o que e quem precisa ser incluído é resultado da produção socio-cultural de estereotipação ao nos formar enquanto pessoas por esta lógica, e que compactuamos ao excluirmos pela percepção insensível ao ser-pessoa-da-diferença.

Segue, com a negação que é feita, a ocupação de algumas pessoas a certos espaços de higienização. Quais os locais que as pessoas que não se adaptam em certos sistemas, e/ou que são atravessadas pelas questões sociais, econômicas de negligência e ao trato governamental, que, ao serem configurados, não importou em considerá-las?

As Fundações Casas, Escolas, APAEs, entre outras, produzem o sentimento de pertencimento social, em que elas possam estar?

Deleuze, nos coloca a pensar nosso lugar no mundo e como nossa relação com as pessoas, está ás margens de um reconhecimento a partir da lógica das comparações. Implica pensar a configuração que a superfície ocasiona, ao nos tirar das margens das percepções. As relações e pessoas não sintetizam as coisas que as produzem e as imagens que representam. E sim os acontecimentos.

O acontecimento nos possibilita a ver a singularidade de cada relação-pessoa no campo da experiência, não restringido as representações. Esse giro de ótica em como entendemos as coisas implica as formas que concebemos as pessoas-relações, por não acessar como *modus operandi* a essencialidade que patologiza as explicações limitantes que não alcançam as pessoalidades que caracterizam a vida humana.

A contribuição que Deleuze nos lega é de que as relações entre estética e inclusão como acontecimentos marca nossas vidas como manifestações de viventes. Isso cria questionamentos e tensões nos espaços que não nos potencializam e nos governam na intenção de tornar nossos corpos dosséis a uma estrutura normalizadora.

Os questionamentos e reflexões que ousamos criar nesse artigo é de levar em consideração outras formas de pensar, e sobretudo, a inclusão a partir da estética conduzida por alguns autores que nos identificam. A escrita que propomos fazer é um acontecimento que intenta uma singularidade travestida de ineditismo com movimentos de pensamentos outros, na intenção de provocar transformações, desdobrados em outros estudos e discussões, tão necessárias para seguirmos com o devir que é o conhecimento, a estética e a inclusão.

Referências

CHIH, Chiu Yi. Por uma estética da diferença: um diálogo entre Deleuze e Artaud. *In*: FORNAZARI, Sandro Kobol. *Deleuze Hoje*. São Paulo: FAP-Unifesp, 2014. p. 479-490.

CORALINA, Cora. *Meu Livro de Cordel*. 8. ed. São Paulo: Global, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia 2. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2. ed. v. 3. São Paulo: 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia 2. Tradução de Peter Pál Pelbart, Janice Caiafa. 2. ed. v. 5. São Paulo: 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*: capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: 34, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELIGNY, Fernand. *Vagabundos eficazes*: operários, artistas, revolucionários: educadores. São Paulo: n-1, 2018.

HITCHCOCK, Alfred. *O homem errado (The Wrong Man)*. p&b, 105 min. 1956.

RANCIÈRE, Jacques. *A fábula cinematográfica*. Tradução de Christian Pierre Kasper. Campinas – SP: Editora Papirus, 2013. (Campo Magnético)

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*: estética e política. 2. ed. São Paulo: EXO experimental org. Editora 34, 2009a.

RANCIÈRE, Jacques. Existe uma estética deleuziana? *In*: ALLIENZ, Éric (org.). *Gilles Deleuze*: uma vida filosófica. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: 34, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. *O inconsciente estético*. São Paulo: 34, 2009b.

ROSSELLINI, Roberto. *Europa '51*. p&b, 118 min, 1952.

SILVA, Márcio Sales da. Deleuze e Artaud: Um passeio pelo Corpo sem Órgãos. *In*: FORNAZARI, Sandro Kobol. *Deleuze hoje*. São Paulo: FAP-Unifesp, 2014.

WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. Edição Kindle. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOBRE AS AUTORAS

Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos
Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/ Faculdade de Ciências e Tecnologia. Docente e Vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). E-mail: pesquisadoradanielle@gmail.com.

Jucimara Pagnozi Voltareli
Mestra em Educação pela UNOESTE, licenciada em Geografia pela UNESP. Faz parte do Grupo de Pesquisa Políticas e Práticas da Educação Inclusiva (PPEI). Possui foco em Cinema dentro das áreas de Geografia, Filosofia e Educação. E-mail: jucimarapagnozi@hotmail.com.

Rafael dos Santos Reis
Possui graduação em Filosofia pela Faculdade João Paulo II, mestrado em Educação pela UEM. É professor e Doutorando em Educação pela Universidade do Oeste Paulista e sanduíche pela Universidade Aberta de Portugal. Bolsista CAPES. E-mail: raphael.zaratustra@gmail.com.